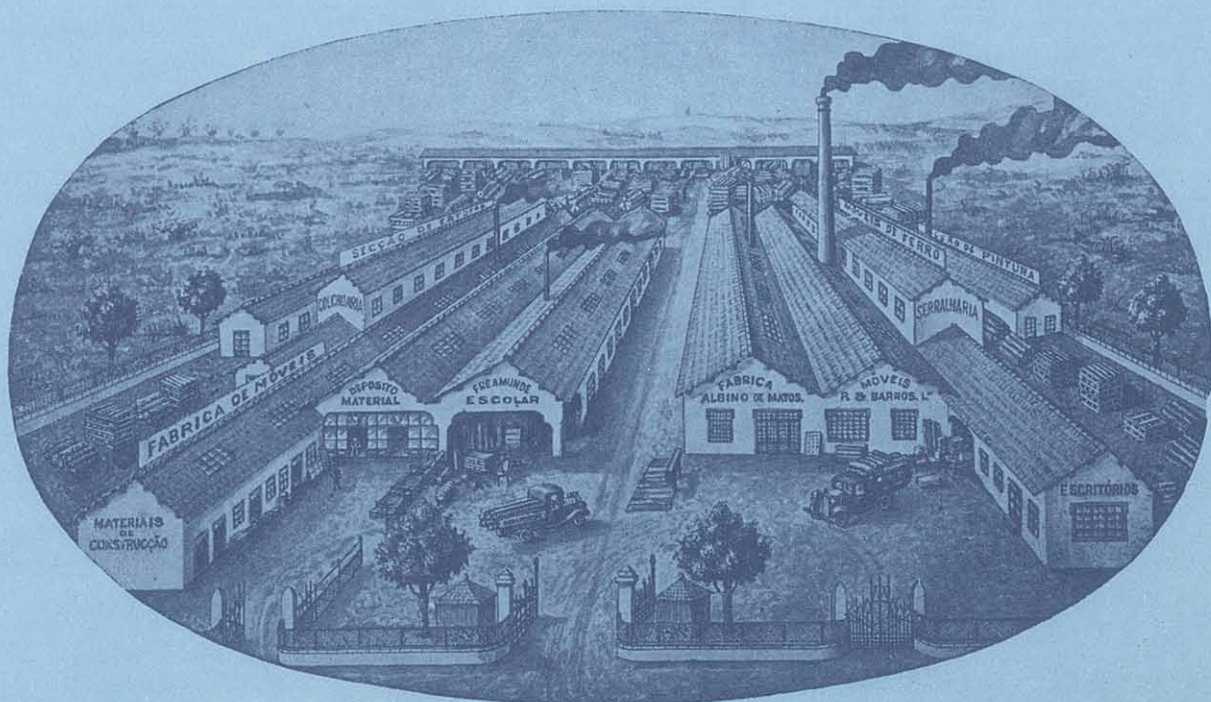


MARIA MADALENA ALLEGRO DE MAGALHÃES

PAÇOS DE FERREIRA Indústria Transformadora

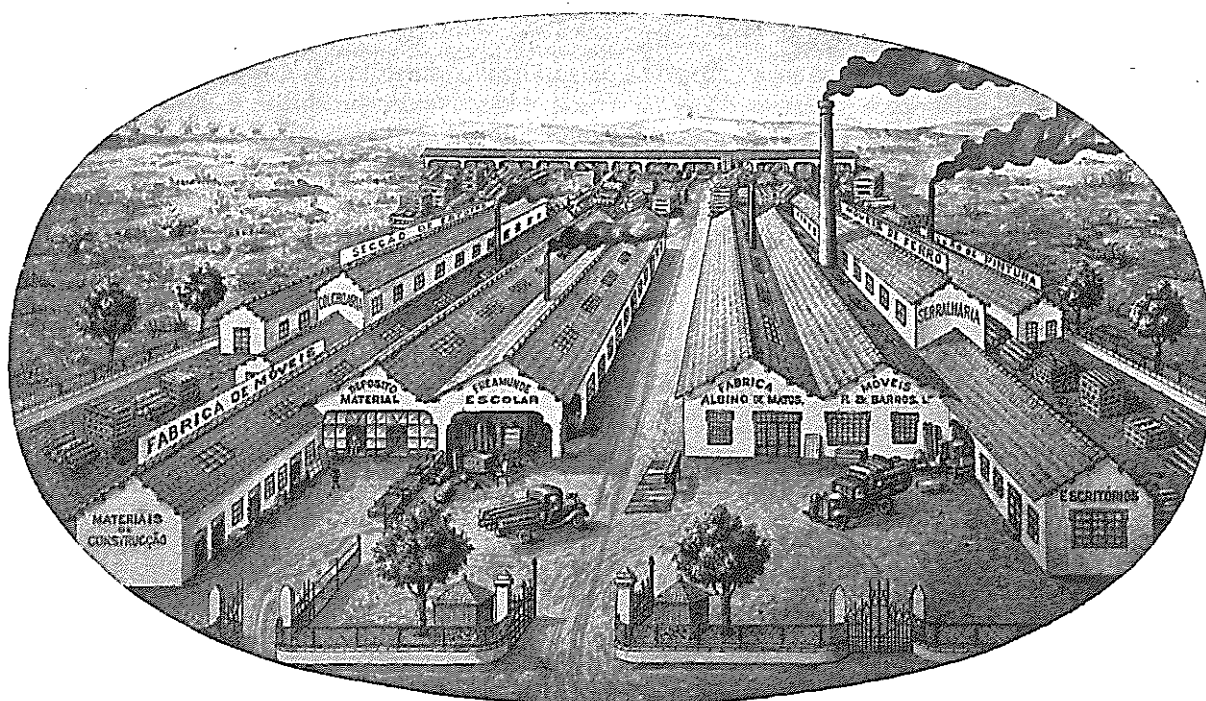
PAÇOS DE FERREIRA — ESTUDOS MONOGRÁFICOS
Separata



1986

PAÇOS DE FERREIRA

Indústria Transformadora



PAÇOS DE FERREIRA

Indústria Transformadora

*M.^a Madalena Allegro de Magalhães **

Pelo desenvolvimento que o sector actualmente ali possui, associa-se geralmente a Paços de Ferreira a produção de mobiliário. Este e outros tipos de indústrias de madeira, ocupam, com efeito, o primeiro lugar nas actividades produtivas locais, no entanto, Paços de Ferreira não é só o mobiliário.

Antes de mais, para uma caracterização do concelho, no que diz respeito à indústria, importa ter presente a sua posição relativa no contexto da área de maior tradição industrial da Região do Norte, em que se insere. Paços de Ferreira ocupa, naquela mancha, uma posição estratégica, de fronteira com as principais concentrações industriais da Região: a Norte e a Oeste, a bacia têxtil algodoeira do vale do rio Ave; A Sudoeste, a Área Metropolitana do Porto e a Sul e Leste, centros como Penafiel, Paredes e Lousada, no vale do rio Sousa, área que tem vindo a registar, recentemente, um grande dinamismo. É mesmo com a última que Paços de Ferreira apresenta maior afinidade, quer quanto ao perfil industrial, quer quanto a tendências recentes.

Parece pois legítimo, associar a esta situação privilegiada, combinada com o aproveitamento dos recursos locais, o notável desenvolvimento da indústria em Paços de Ferreira.

Em 1981 ⁽¹⁾, dos cerca de 41 mil habitantes do concelho, 15 mil, correspondiam à população residente activa a exercer profissão. Destes, 11 mil, ou seja, 73%, cabiam ao sector secundário (indústrias transformadoras e construção e obras públicas). A indústria transformadora isolada, abarcava 9 700 activos (64%).

Estes números globais bastariam, para avaliar o peso da indústria transformadora na estrutura económica do concelho.

Quer em relação ao Continente, quer à Região do Norte, Paços de Ferreira apresenta uma estrutura muito contrastada, marcada precisamente pelo peso relativo do seu sector secundário (Fig. 1).

Independentemente das raízes históricas do desenvolvimento industrial do concelho, é importante realçar ainda desde já, a sua evolução mais recente. O crescimento registado no período de 1970 a 1981 (Fig. 2), pode considerar-se extraordinário, nomeadamente no que diz respeito às indústrias transformadoras separadamente, cuja variação foi superior quer à média nacional, quer à regional. E embora partindo de uma distribuição desequilibrada, deixa-se adivinhar uma tendência para a diversificação, atenuado a grande especialização nas indústrias de madeira, as quais de 74%, em 1970, passaram para 63%, em 1981, no total das indústrias transformadoras. Analisando o comportamento individual de cada ramo, pode ver-se como a têxtil sofreu um crescimento acentuado e, mesmo outros de menor peso, como por exemplo as indústrias químicas e dos produtos de borracha e de plástico e a fabricação de produtos metálicos e de máquinas, registaram uma variação superior à média regional (Quadro n.º 1). A curto prazo, é de admitir que as indústrias de madeira continuem a ocupar a primeira posição em termos de emprego local, no entanto, e, tomando em conta as alterações atrás apontadas, é provável que se estejam a operar reajustamentos. Poder-se-à mesmo prever que o sector secundário não continue a crescer como no período 70/81, em que o fez essencialmente à custa do sector primário, sendo de admitir que se venha a registar uma expansão do sector terciário, ligado, por exemplo, a serviços de apoio às actividades económicas.

* Geógrafa – Assistente na Faculdade de Letras do Porto

(1) INE – XII Recenseamento Geral da População, 1981.

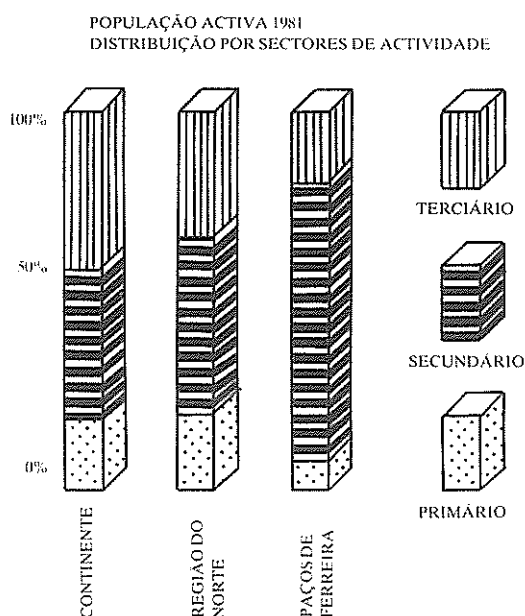


Fig. 1

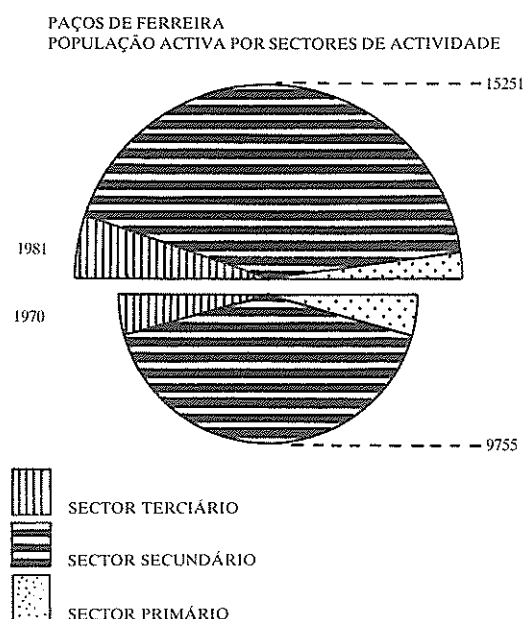


Fig. 2

Quadro N.º 1: INDÚSTRIA TRANSFORMADORA — População Activa a Exercer Profissão por Ramos de Actividade

RAMOS DE ACTIVIDADE (C.A.E.)	CONTINENTE					REGIÃO DO NORTE					PAÇOS DE FERREIRA				
	1970		1981		Vari. 70/81	1970		1981		Vari. 70/81	1970		1981		Vari. 70/81
	HM	%	HM	%		HM	%	HM	%		HM	%	HM	%	
3.1. IND. ALIMENTARES	56 890	8	100 206	10	1.76	17 470	5	27 826	6	1.59	135	2	163	2	1.21
3.2. IND. TÊXTEIS	243 625	35	299 268	30	1.23	155 775	48	210 383	47	1.35	790	14	2 612	27	3.31
3.3. IND. DE MADEIRA	103 005	15	113 782	12	1.10	50 220	15	62 586	14	1.25	4 160	74	6 106	63	1.47
3.4. IND. DE PAPEL	30 750	4	48 898	5	1.59	11 645	4	15 252	3	1.31	15		16		1.07
3.5. IND. QUÍMICAS	39 170	5	75 185	8	1.92	11 740	4	19 357	4	1.65	15		40		2.67
3.6. IND. PROD. MIN. N. METÁLICOS	47 975	7	65 003	7	1.35	10 325	3	12 961	3	1.26	45	1	45		1.00
3.7. IND. METALÚRG. B.	33 340	5	30 388	3	0.91	15 430	5	19 710	5	1.28	50	1	45		0.90
3.8. IND. PROD. METÁL.	123 880	18	218 489	22	1.76	43 560	13	64 682	15	1.48	360	6	603	6	1.68
3.9. OUTRAS IND. TRA.	24 430	3	32 779	3	1.34	11 215	3	12 551	3	1.12	20		74	1	3.70
3. TOTAL IND. TRANS.	703 065	100	983 998	100	1.40	327 380	100	445 308	100	1.36	5 590	100	9 704	99	1.74

FONTE: XI e XII Recenseamentos Gerais da População (INE)

Se se quiser analisar a base económica do concelho, sabe-se porém, que, dos cerca de 9 700 residentes activos a exercer profissão na indústria transformadora, nem todos correspondem ao emprego local. Daqueles, são 81% (7 800), os que residem e trabalham no concelho, deslocando-se para o exterior, cerca de 1 800 (Fig. 3). Os destinos destes últimos, são, por ordem de importância: Santo Tirso, que absorve 55%, Paredes (25%), Lousada (7%), Guimarães (4%) e Porto (3%). Por outro lado, trabalham na indústria transformadora local, residentes noutros concelhos. As proveniências destes, que globalmente representam cerca de 900 activos, são, também por ordem de importância: Lousada, com 53% das entradas, Paredes (23%), Santo Tirso (12%), Porto (2%) e Valongo (2%).

Há pois uma certa aproximação entre a população residente activa, no sector e o emprego local, representando este último 94% do primeiro, em números globais. A mobilidade dos que se deslocam, restringe-se também em termos espaciais, a distâncias curtas, destinando-se a quase totalidade das saídas e das entradas, aos concelhos contíguos (Fig. 4 e 5).

Indirectamente é possível daqui concluir que, Paços de Ferreira usufrui de uma certa autonomia em termos de base económica, não se encontrando na dependência do exterior, no que respeita ao emprego industrial, ao contrário do que se verifica em muitos outros concelhos próximos do Porto.

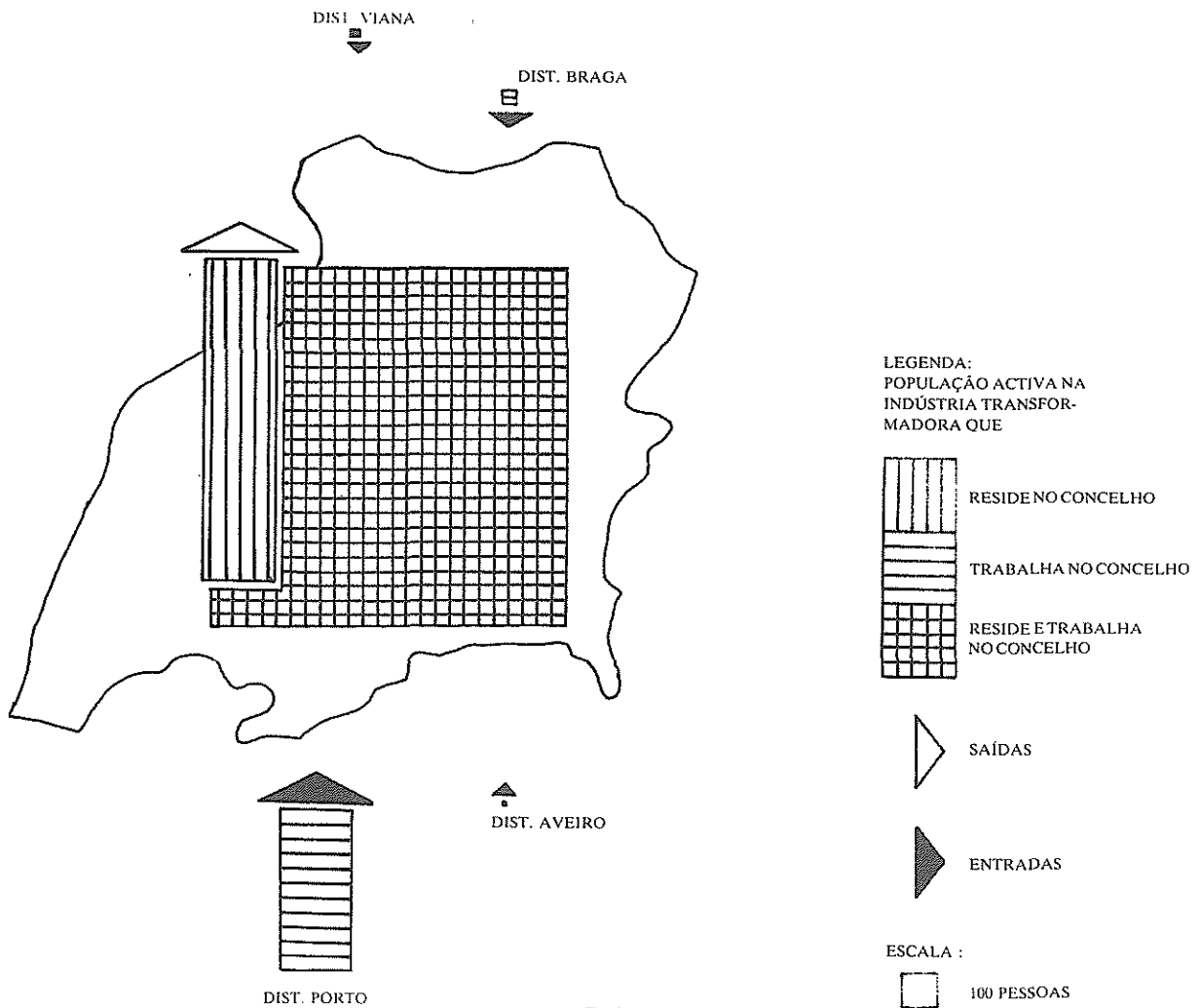


Fig. 3

A excessiva especialização da economia local, pode, no entanto, obrigar a outro tipo de dependências que, só através de um certo dinamismo e esforço de integração regional e nacional, poderão evitar eventuais crises ou migrações indesejáveis.

Esta análise indirecta da indústria em Paços de Ferreira, a partir da estrutura do emprego, embora limitada, é talvez a que permite uma melhor avaliação da dimensão do sector. Isto porque toda a informação disponível, relativa aos estabelecimentos industriais propriamente ditos é deficiente. E é-o não só por lacunas que inclui, como pela especificidade do tecido industrial do concelho. Espacialmente, a indústria aparece dispersa, num padrão perfeitamente coincidente com os da distribuição da população e outras actividades. É o padrão difuso que se conhece também em áreas vizinhas, como o vale do rio Ave. Em termos de produção, predominam as Pequenas e Médias Indústrias (PMI), em muitos casos correspondendo a empresas familiares, sem operários do exterior, e existem, num número difícil de estimar mas, decerto muito superior ao das anteriores, as «pequeníssimas» unidades de produção doméstica (trabalho ao domicílio), especializadas normalmente em segmentos restritos da cadeia em que se inserem.

Muitas destas unidades gravitam em torno de estabelecimentos de maior dimensão, constituindo-se uma estrutura complexa, aparentemente desorganizada, mas que tudo indica, coesa e com tendência a «impor-se», como modelo de organização local. Formas dos primitivos tempos de revolução industrial que talvez nunca tenham desaparecido na sua totalidade, surgem-nos agora em processo de reaparecimento e expansão acelerada. E a elas corresponde um modelo preciso de organização espacial. Existem tanto no tradicional ramos dos têxteis, como no das madeiras e mobiliário, predominante no concelho, e estão em íntima ligação com outras formas de actividade não industrial (agricultura a tempo parcial, comércio e serviços diversos).

PAÇOS DE FERREIRA
RESIDENTES NO CONCELHO QUE SAEM PARA O EXTERIOR PARA TRABALHAR NA IND. TRANSF.

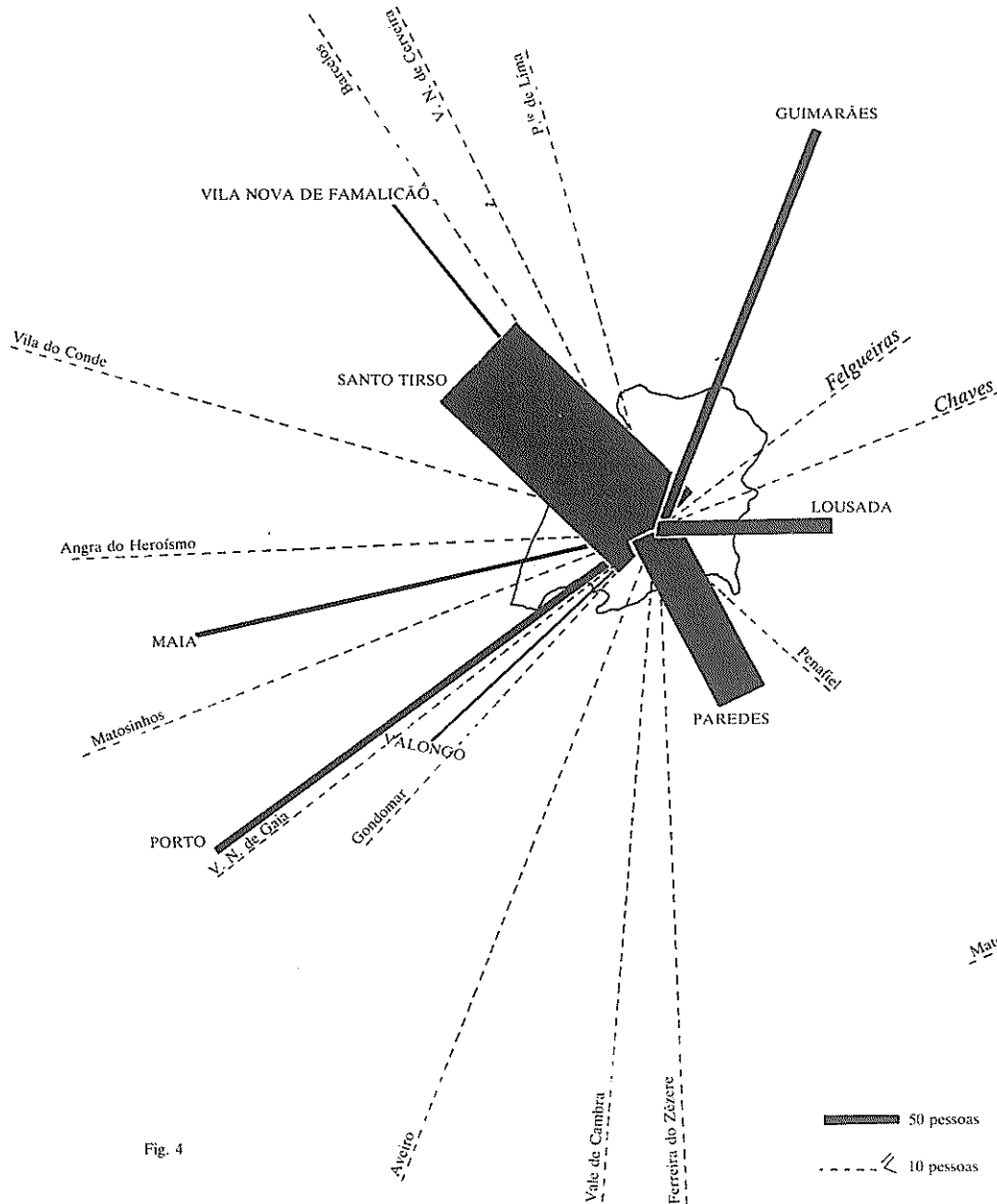


Fig. 4

MOBILIDADE DA POPULAÇÃO RESIDENTE ACTIVA
A EXERCER PROFISSÃO NA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA *

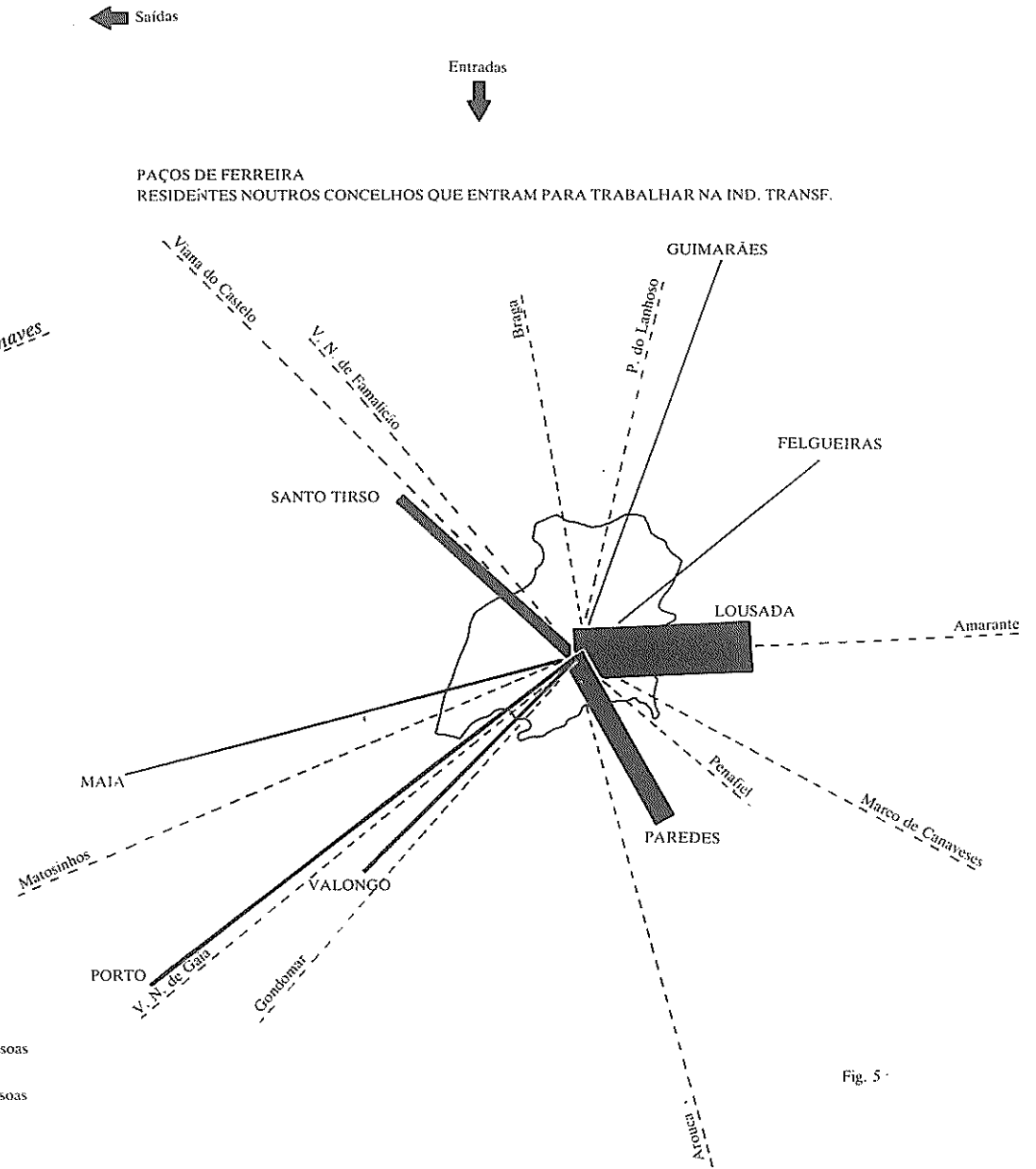


Fig. 5

* FONTE: XII Recenseamento Geral da População - INE, 1981

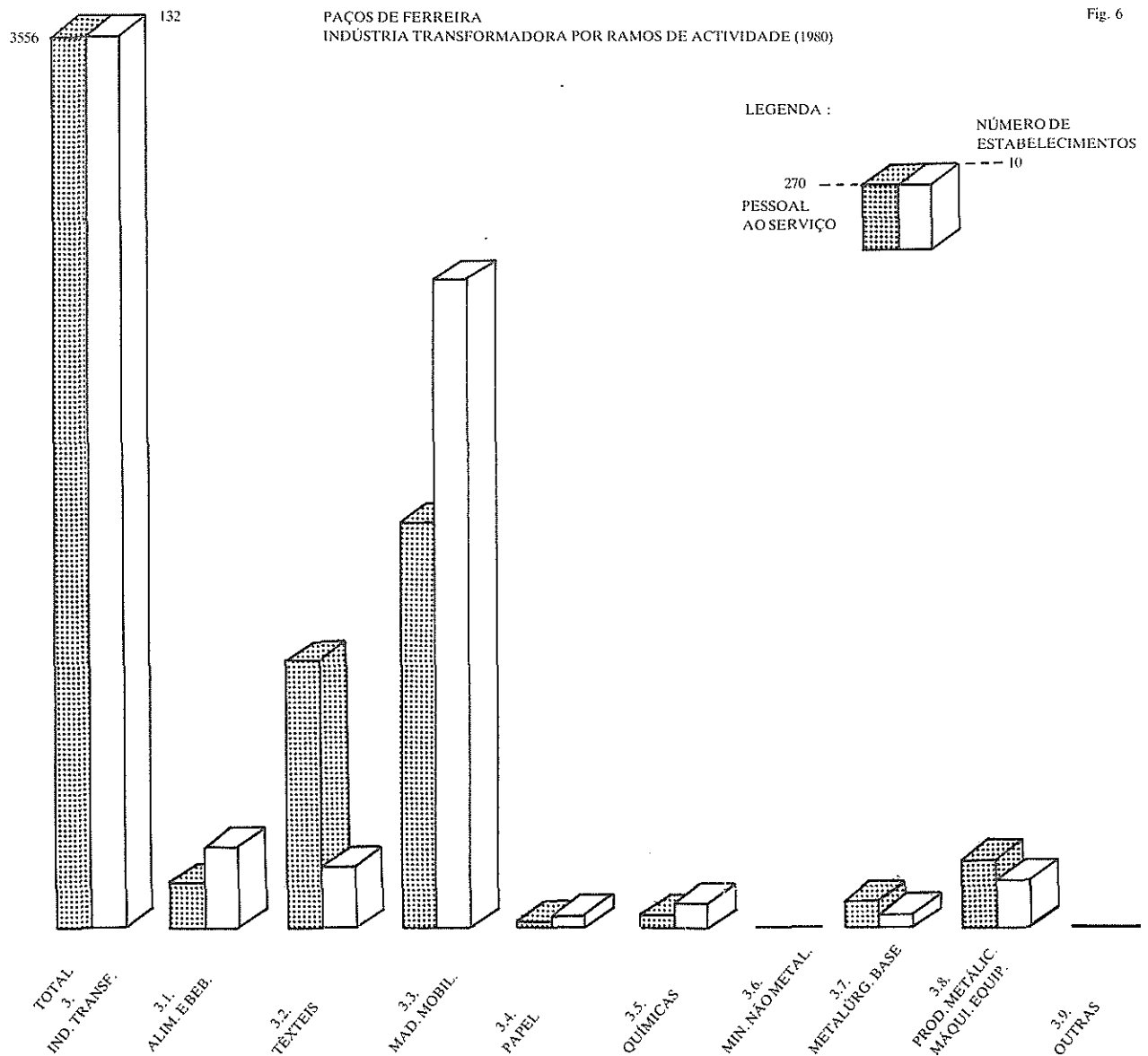
Assim, as fontes oficiais acabam por abarcar apenas uma parte da produção industrial, deixando de fora, pelo menos, as chamadas formas informais de produção. No caso do ramo do mobiliário, as Estatísticas Industriais limitam-se a cobrir os estabelecimentos que dispõem de força motriz mecânica.

Apesar de deficitárias, estas estatísticas permitem contudo conhecer algumas das principais características das unidades industriais.

Tomando-as, numa primeira abordagem, distribuição dos estabelecimentos industriais por ramos de actividade (Fig. 6), facilmente se confirma a predominância das indústrias de madeira e mobiliário. À escala do concelho, não deixa de ser, no entanto, notável, a diversificação existente, tanto mais se se tiver em conta o carácter «independente» do ramo do mobiliário. Trata-se, de facto, de uma indústria que não é muito condicionada a montante, nem condicionadora a juzante, de outros sectores⁽²⁾. Apesar disso, assiste-se a um crescimento importante das indústrias metalomecânica, ligadas à produção de máquinas para as indústrias têxteis e de mobiliário.

Ainda a partir da mesma fonte, é possível ver claramente o predomínio das PMI e isto se se tomar como indicador o número médio de pessoal ao serviço, globalmente ou numa desagregação por ramos.

No primeiro caso, o valor médio no concelho, corresponderá a 27 pessoas por estabelecimento. Sectorialmente e para os ramos de maior peso, distingue-se o sector têxtil, com o valor mais elevado e o sector



(2) BESSA, António José Simões Oliveira — *Estudo do Sector de Fabricação de Mobiliário de Madeira na Região do Norte*, 2 vol., Porto, C.C.R.N., 1978.

das madeiras e mobiliário, com o mais baixo (respectivamente, 118 e 20 pessoas ao serviço por estabelecimento). Em todo o caso, não se pode ignorar o sem número de pequenas unidades que as estatísticas oficiais não cobrem e que levariam o valor da dimensão média das indústrias a baixar consideravelmente. Pode mesmo estimar-se, sem correr o risco de errar muito, que mais de metade das unidades de produção de mobiliário de madeira existentes no concelho, não chegam a atingir os 5 operários.

E, é necessariamente sobre as indústrias de madeira que a caracterização do concelho, tem de recair. Indústria, antes de mais, jovem, não tanto em termos de implantação, mas, pelo menos, na sua difusão pelo concelho.

Há cerca de cinquenta anos, em 1936, no «Número Comemorativo do 1.º Centenário do Concelho de Paços de Ferreira»⁽³⁾, podiam ver-se as inúmeras referências à indústria de lacticínios e às «fábricas de leite», dispersas praticamente por todas as freguesias.

«Distingue-se a indústria de lacticínios, que leva longe o nome desta terra».

(4)

Às indústrias de madeira não é dada a mesma atenção. Elas existiriam já em Freamunde e talvez em Arreigada, mas em termos de economia local, não lhes é atribuída grande importância.

Curioso é assim, verificar como a história da indústria no concelho, não se limita às indústrias da madeira, que hoje em dia representam cerca de três quartos do emprego industrial. Por outro lado, as escassas fontes sobre a matéria sugerem uma evolução complexa, com oscilações mais ou menos acentuadas. Ora, se a história da indústria do mobiliário no concelho é importante e está por fazer, não o é menos o conhecimento dos percursos de outras actividades, praticamente já desaparecidas, e as raízes históricas desta tradição industrial de Paços de Ferreira.

O Inquérito Industrial de 1881⁽⁵⁾, primeira fonte sistematizada de que se dispõe para conhecer o que seria a nossa indústria, nos finais do século passado e numa fase que se sabe de início em todo o processo de industrialização, refere, em diferentes rúbricas, o concelho de Paços de Ferreira. Este inquérito não dá notícia de qualquer «Fábrica», no concelho, referindo apenas «Pequenas Indústrias»⁽⁶⁾. Para além de indústrias que, na época e na região, se encontravam mais ou menos dispersas, por todos os concelhos, como as Moagens, Padarias, Ferrarias, Fogueteiros, Manufacturas de Linho (Teares Domésticos) e de Algodão (Oficinas de Tecelagem), Alfaiates, Tinturarias, etc., é dado particular relevo aos «lacticínios», à «Serração de Madeira de Pinho», à «Obra de Verga e Palha» e à «Manufactura de Fusos» (Quadro n.º 2).

Não deixam de ser significativos os termos em que são feitas as referências aquelas últimas:

«41. Manufactura de Fusos

É no concelho de Paços de Ferreira, industrialmente curioso por mais de um título que umas 30 pessoas vivem de fabricar este artigo»

(7)

Tudo indica que o concelho era de facto, «industrialmente curioso», a vários títulos. Quanto aos Lacticínios, tratava-se, segundo diz o inquérito, do único concelho do Distrito do Porto (excluindo o próprio Porto), onde havia fabricação de manteiga, vivendo mesmo algumas pessoas, exclusivamente dessa «indústria» e constituindo «*um lavor doméstico de algumas famílias ruraes*».

«É uma indústria recente n'este concelho, que denota uma certa inclinação fabril.

...A exportação faz-se para o Porto e para Vallongo, onde o fabrico de biscoito requer grandes porções de manteigas».

(8)

(3) PEREIRA, Pe. Armando — *Paços de Ferreira — Número Comemorativo do 1.º Centenário do Concelho de Paços de Ferreira*, Porto, 1936.

(4) *Idem*, p. 77.

(5) *INQUÉRITO INDUSTRIAL DE 1881 — Segunda Parte — Visita às Fábricas Livro Segundo*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881.

(6) As duas categorias em que foram incluídos os estabelecimentos industriais visitados pela Comissão do Inquérito.

(7) *Inquérito Industrial de 1881 — Segunda Parte — Visita às fábricas...*, p. 48.

(8) *Idem*, p. 33.

QUADRO N.º 2

MAPA GERAL DAS PEQUENAS INDÚSTRIAS
Paços de Ferreira

Área do concelho (hectares)	10:220
População (1878)	10:263
Habitantes por Kilómetro Quadrado	100

1 — MOAGENS	
Moinhos de Água	52
Mós	140
Pessoal	150-200
Total de Mós	140
2 — PADARIA	
Número de fornos	5
3 — LACTICÍNIOS	
Fabricantes de Manteiga	3
Produção Kg.	3 - 4:000
6 — CONSTRUÇÃO	
Carpin. / Pedrei. / Est.	185
Salários (réis)	400 - 360
7 — SERRAÇÃO DE PINHO	
Serradores braçaes	?
Serras hydraulicas	15
Officinas de Serr. Mec.	14
8 — FERRARIA	
Officinas	16
Operários	16
16 — PYROTECHNIA	
Fogueteiros	2
22 — MANUFACTURAS DE LINHO	
Número de Teares Domés.	150
23 — MANUFACTURAS DE ALGODÃO	
Teceragem / Officinas	1
Teares em Officinas	2
31 — VESTUÁRIO	
Alfaiates / Sapateiros	25
32 — TINTURARIA	
Officinas	1
Operários	3
37 — OBRAS DE VERGA E PALHA	
Cesteiros	2
Palhoças - Oper. Domés.	200-250
41 — MANUFACTURAS DE FUSOS	
Fuseiros	30

Sobre as chamadas Obras de Verga e Palha, diz o Inquérito:

«Por toda a parte (Distrito do Porto) se fazem cestos, gigos, canastras, ... Mas só em Paços de Ferreira, na freguesia de Carvalhosa, se fabricam «as croças» ou palhoças, abastecendo o districto inteiro. A «croça» é o «water-proof» do camponez. Na Carvalhosa, a população dá-se a esta indústria nos quatro mezes de inverno. São 200 ou 250 pessoas fabricando outras tantas «croças» por dia, e tirando d'ahi um salario de 160 a 200 réis».

(9)

Finalmente, acerca da Serração de Madeira de Pinho, provavelmente aquela que poderá ser apontada como a mais remota origem da actual indústria do mobiliário, o Inquérito designa o concelho de Paços de Ferreira como *«um centro de produção fabril rural»*, em contraste com outros concelhos, como Bouças, Vallongo, Maia e Villa do Conde, onde a exploração dos pinhais se faria para abastecimento de tabuado e lenha para o Porto.

De toda a análise feita, no referido Inquérito, aos concelhos rurais do Distrito do Porto, aparece com uma certa relevância, a posição de Paços de Ferreira, enquanto centro produtor de bens manufacturados.

Infelizmente, não se dispõe de fontes igualmente pormenorizadas, a partir de então, para poder traçar todo o percurso das indústrias existentes naquele tempo.

Sabe-se, como já se referiu, que, para 1936, data do primeiro centenário do concelho, se dispõe de um trabalho de caracterização, especificamente elaborado para a sua área ⁽¹⁰⁾. É a Monografia do Pe. Armando Pereira. Tudo indica que, entretanto, a indústria dos Lacticínios se teria expandido e afirmado:

«A laticultura encontrou em Paços de Ferreira uma das regiões de Portugal onde mais se tem desenvolvido não só devido às boas condições climáticas, mas ainda certamente por ter sido fomentada pela Quinta Distrital do Pôrto (Alentem-Louzada) que por 1878 propagou as vacas turinas na região ao mesmo tempo que ensinava a prática da indústria de lacticínios com maquinaria e métodos modernos hoje utilizados pela afamada indústria regional».

(11)

As fotografias da «Leiteirinha esperando a sua vez à porta da fábrica de leite» ou do «carro do Nunes transportando para a fábrica cântaros de leite», ilustram os capítulos sobre economia local, daquela monografia, como as do convento dos Templários ilustram o texto sobre história e património cultural.

As «croças» da Carvalhosa continuariam a ser produzidas. Ali e noutros documentos da época, encontram-se-lhes referências.

(12)

«PALHOÇAS»

*Somos alegres croceiras
Fabricantes a cantar
Palhoças quentes ligeiras
Que da chuva hão-de abrigar*

*E lá pelo inverno gelado
Quando chover e gear
Nosso trabalho honrado
Muitos hão-de abençoar*

*Carvalhosa avante
Avante na lida
É trabalho honrado
Custeando a vida»*

(9) Idem, p. 46.

(10) PEREIRA, Pe. Armando — «P. de F. — Número Comemorativo...», Porto, 1936.

(11) Idem, p. 80.

(12) «Carvalhosa-Avante! Nas Festas do Centenário», in *O ECO DE PAÇOS DE FERREIRA* (Quinzenário) — 15.8.1936.

Às restantes actividades, a monografia não dá particular relevo pelos menos, ao fazer a caracterização geral do concelho. Só ao debruçar-se sobre cada uma das freguesias, se pode apreender que, as indústrias da madeira teriam já algum peso. Mas, perfeitamente localizadas, em Freamunde e Arreigada e especializadas. Em Freamunde, destacava-se a indústria de material escolar e de móveis domésticos e as «numerosas» oficinas de tamancaria e marcenaria (p. 83). Em Arreigada, «*a actividade que mais se distingue, depois da cultura dos campos, é a de moagem e serração de madeiras*».

A avaliar pela imprensa local, o cortejo realizado naquele ano de 1936, no âmbito das comemorações do primeiro centenário, contou com um leque diversificado de representações das actividades transformadoras existentes, deixando transparecer a imagem de uma estrutura industrial mais rica e complexa do que a monografia fazia supor.

O «Eco de Paços de Ferreira» no seu n.º 35 (Ano 2), de 1 de Setembro de 1936, descrevia o dito cortejo, enriquecido sobretudo, com a participação de Freamunde: o carro e o pessoal das indústrias de marcenaria, o das indústrias de serralharia e serralharia mecânica, o da indústria do calçado e o «*interessante*» carro e o pessoal da indústria de fundição de metais. Para além disso, lá estiveram naturalmente, as fábricas de lacticínios de todo o concelho e as inúmeras actividades artesanais que, «indústrias» ou não, têm um grande significado para a época, em termos de produção.

*«É Meixomil
Terra abençoada
só ela encerra
Cesteira prendada*

*Nós sempre ligeiras
Vamos trabalhando
A tecer a verga
E a vida levando»*

No mesmo ano e no mesmo jornal do concelho, podiam-se ver por exemplo, anúncios de uma empresa de fabrico de canelas, pormenor interessante, pois revela a existência de um sector ligado à indústria têxtil, então em expansão nas áreas vizinhas do vale do Ave, e que em termos de cadeia de produção, lhe está a juzante. É possível que o desenvolvimento das indústrias de máquinas e instrumentos diversos para a indústria têxtil, entroncasse na manufactura de fusos, de que já falava o Inquérito Industrial de 1881, revelando-se assim uma evolução positiva.

*«EMPRESA DE CANELAS, L.DA
Paços de Ferreira*

Fabrico mecânico de canelas, bobines, carretas e tudo o que diz respeito à indústria de fiação e tecidos. Principais fornecedores das mais importantes fábricas do país».

(13)

Da situação no final do século passado e do que se passaria há cinquenta anos, conseguem-se assim esboçar uns cenários, mais ou menos precisos. Do que se passou entre as duas datas e até agora, só as estatísticas oficiais, os jornais locais e o conhecimento dos habitantes, nos podem falar.

As primeiras permitem detectar os traços gerais, sem naturalmente dar explicações ou apresentar razões; as segundas, muito ricas pelo seu próprio cariz, dão contributos interessantes, infelizmente limitados a determinados períodos de tempo, mas, atingindo datas suficientemente próximas, para que as terceiras se lhe vão encaixar.

Pergunta-se então: Qual a origem histórica da actual indústria de mobiliário de madeira que, ainda há cinquenta anos, pouco significado tinha? Porque decaiu a indústria de lacticínios, limitando-se actualmente, uma áreas restrictas do concelho, à produção de leite que, na sua totalidade, é transformado no exterior do concelho? Que tendências de desenvolvimento futuro se adivinham para a economia local de Paços de Ferreira?

(13) Idem, Agosto de 1936.

As referências mais antigas que é possível encontrar, à fabricação de mobiliário, datam de 1920:

«Já se acha devidamente instalada em casa própria na rua do Comércio desta povoação (Freamunde) a nova oficina de Mobiliário e Material Escolar e a Fábrica de Moagem sob a firma Pereiras, Barros e C.ª L.ª».

Assim se lia na Crónica de Freamunde, do Progresso de Paços de Ferreira, de 10 de Junho de 1920. E a 16 de Setembro do mesmo ano, na mesma rúbrica, Crónica de Freamunde, anunciava-se:

«Principiou já a construção do aparatoso edifício para a instalação da fábrica de mobiliário e material escolar da firma Albino de Matos, Sucessores, L.ª».

A partir de então sucedem-se os anúncios publicitários das duas firmas. Em 24 de Julho de 1921, a segunda, publica o seu primeiro reclamo, curiosamente sob o título «Moagem de Cereaes».

«MOAGEM DE CEREAES

A Casa

ALBINO DE MATOS SUCESSORES L.ª

Freamunde (Douro)

Tem em plena laboração, e magnificamente montada a «sua moagem» podendo encarregar-se de qualquer encomenda para particulares ou revendedores de farinhas que executará com a maior rapidez e perfeição. Tem também na sua nova e grandiosa instalação, montada a «sua fabrica oficina» de material e mobiliário escolar, mobiliário em geral, indústrias de madeiras e material de construções».

É natural que por razões de aproveitamento de energia, tenham aparecido as duas unidades associadas, moagem e serração de madeiras ou fabricação de mobiliário. Trata-se de um fenómeno mais ou menos comum no país, antes que a produção de energia eléctrica e respectiva distribuição se tivesse generalizado. Aliás, outros casos existiriam ainda em Paços de Ferreira a avaliar pelo aviso de liquidação da fábrica «A Social», de serração e moagem, publicado no Progresso de Paços de Ferreira a 3 de Outubro de 1921.

Na marcenaria, sob tal designação, não há uma continuidade cronológica nos documentos impressos existentes. No «Minho Pittoresco»⁽¹⁴⁾, José Augusto Vieira, em 1887 diz que:

«nenhuma outra indústria está largamente desenvolvida, além da agrícola, no concelho de Paços de Ferreira. Há no entanto n' esta zona uma certa aptidão para os trabalhos de carpinteria e marcenaria, que muito conviria fomentar; algumas officinas existem já, entre as quaes a do sr. José Nunes Barbosa, em S. Pedro de Ferreira, cujos trabalhos, relativamente baratos, apresentam um grau notável de acabamento».

(15)

Não deixa de ser estranho, não se acharem indicações semelhantes, seis anos antes, no Inquérito Industrial de 1881. Nem mesmo imediatamente depois, através dos documentos disponíveis, se consegue detectar claramente o que terá acontecido aquela «aptidão para a marcenaria - carpintaria».

Depois de 1920 e das notícias acerca das duas fábricas de mobiliário escolar então em funcionamento, só em 1928 se pode ver uma indicação mais precisa do significado da fabricação de móveis. O «Pacense», jornal local iniciado precisamente em Julho de 1928, publica num seu artigo.

«Exportando vinhos, cereaes, madeiras e móveis, gados e lacticínios, o nosso concelho basta-se a si próprio e dá à sua Câmara o desafio necessário para que possa fazê-lo progredir».

(16)

Mais tarde, e agora nos últimos anos da década de trinta (1937 a 1939), outro jornal do concelho, «A Voz do Município», noticia, em diversos números, uma série de incidentes laborais nos Tamanqueiros de Freamunde, que tudo indica, serem, ao tempo, numerosos. Mas as questões passam-se especificamente nos Tamanqueiros, não se podendo inferir das notícias publicadas, que os móveis tivessem grande importância.

(14) VIEIRA, José Augusto — *O Minho Pittoresco*, Tomo II, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, Editor, 1887.

(15) *Idem*, p. 349.

(16) *O Pacense* (Quinzenário) — Julho 1928.

«A Indústria da Tamancaria que na nossa região ocupa ainda algumas centenas de operários e movimenta talvez mais de um milhar de contos, vive ha muito em precárias circunstâncias. Algumas oficinas teem fechado, outros industriais teem procurado novos ramos de negócio».

(17)

Um operário local, António Pereira Pinto, presidente da Secção de Freamunde do Sindicato dos Operários Tamanqueiros do Distrito do Porto, viria a escrever, no ano seguinte, uma carta publicada no mesmo jornal, acerca da indústria da Tamancaria, onde nomeadamente, dizia:

«O estabelecimento do salário mínimo de que estavamos anciosos para nos matar a fome e que parecia ser a última táboa de salvação, veio, por agora, agravar mais a nossa angustiosa situação, porque os senhores industriais não se conformam com estas mudanças de costumes, dispêndio de mais capital, diversas modalidades a cumprir dentro das bases corporativas».

Em termos espaciais, não suscita dúvidas a hipótese da indústria de mobiliário ter a sua ⁽¹⁸⁾ origem na freguesia de Freamunde. Mas que a tradição artesanal, ligada sobretudo à tamancaria, tenha constituído a causa fundamental do seu desenvolvimento, é difícil afirmar.

Durante muito anos, lembro-me bem, havia só as duas fábricas de Freamunde (a do Albino de Matos e a do Pereira da Costa) e, claro, em Lordelo e Vilela, já no concelho de Paredes. Mas não havia mais nada! Depois, ... depois, apareceu o Castelo, aqui em Paços, ... fazia umas cadeiras, umas cadeiras de praia muito simpáticas! Hoje é um dos maiores! Bem, havia os bancos, aqueles bancos de pinho muito engraçados! Agora é o que se vê! Só mobiliário, por toda a parte! Mas isto não tem mais de vinte anos!

Este ou outros parecidos, são assim os depoimentos dos habitantes do concelho. E tudo indica, completos. De facto, parecem encerrar em si toda a história da indústria do mobiliário em Paços de Ferreira.

Localmente estavam sem dúvida reunidas condições propícias para o desenvolvimento do ramo mas, foram ainda factores exógenos que vieram actuar mais recentemente e determinar um acelerar do processo. Um acréscimo generalizado na procura de mobiliário doméstico, verificado a partir dos finais dos anos sessenta, com um aumento das disponibilidades financeiras das famílias portuguesas para o consumo, muito terá contribuído como motor de arranque, para as indústrias de Paços de Ferreira.

Porquê em Paços de Ferreira e não noutras áreas, isso sim poder-se-à prender com os antecedentes históricos da serração de madeiras, à tamancaria e com a existências das fábricas de mobiliário escolar. Tradição de mobiliário propriamente dita não existe senão a que se liga à história daquelas últimas. Uma delas, a «Albar», (Albino de Matos, P. e Barros, Lt.^a), viu reduzir o seu número de operários de cerca de 300 trabalhadores para 160, nos últimos trinta anos, através de uma automatização progressiva de segmentos da produção. Dos operários que foram saindo, a maior parte, «estabeleceu-se» por conta própria.

A nível nacional, sabe-se que, por exemplo, mais de metade das sociedades existentes em 1979 ⁽¹⁹⁾, ligadas às indústrias da madeira e da cortiça, teriam sido fundadas depois de 1970 (Quadro n.º 3). Mais precisamente no ramo do mobiliário de madeira, das 812 sociedades existentes na mesma data, 639 (cerca de 80%), estariam naquelas circunstâncias.

QUADRO N.º 3 – Sociedades com sede e actividade principal no Continente e nas Regiões Autónomas

ACTIVIDADE PRINCIPAL SEGUNDO A C.A.E.	SOCIEDADES EXISTENTES		ANO DE CONSTITUIÇÃO										Ignorado
			1979		1970 a 1978		1950 a 1969		1930 a 1949		Anteriores a 1930		
			n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
3.3 Indústrias de Madeira e da Cortiça	2 156	100	122	5.6	1 280	59.4	564	26.2	153	7.1	37	1.7	—
3.3.2. Fabricação de Mobili. c/ excep. do Mob. Met. e de Plást. Mold.	812	100	59	7.3	580	71.4	144	17.7	24	3.0	5	.6	—

FONTE: Estatísticas das Sociedades. INE. 1980

(17) *A Voz do Município* (Quinzenário) 15.03.37.

(18) *Idem* — 1 Outubro 1938.

(19) Data mais recente para que existe informação.

Durante a década de setenta, em termos de produção e ainda a nível nacional, verifica-se que é essencialmente a partir de 1973 que a produção cresce a um ritmo mais acelerado, atingindo o máximo em 1977 (Quadro n.º 4).

QUADRO N.º 4 – Índices Anuais de Produção *
(1970 = 100)

	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981
MOBILIÁRIO DE MADEIRA E OPERAÇÕES CONEXAS (C.A.E. 3320.1.0)	123.5	164.28	195.73	206.68	220.61	263.98	293.47	249.22	223.34	232.40	213.81

FONTE: Estatísticas Industriais, vol. II, Ind. Trans., INE, 1979, 1980 e 1981.

* «calculados segundo um índice de quantidades, tipo Laspeyres, em que os ponderadores das quantidades das diferentes séries consideradas são os correspondentes valores de produção no ano base» (os valores foram deflacionados) — Estat. Ind. 1981.

De facto, pelo menos os aumentos salariais registados entre 1974 e 1977 e as linhas de crédito para aquisição de casas para habitação própria, afectaram consideravelmente a procura de mobiliário. Sobreretudo o mobiliário doméstico que não é de luxo. O mobiliário clássico, de estilos, em madeiras exóticas maciças, está menos sujeito a alterações bruscas na procura. Não é deste tipo o que se fabrica em Paços de Ferreira (salvo algumas raras excepções). Aqui, fabrica-se o móvel de grande consumo. Inicialmente «copiado» de catálogos estrangeiros com «pseudo-estilos», é essencialmente feito de contraplacado e folheado de madeiras exóticas.

Fruto do incremento na procura, a indústria de mobiliário proliferou pois, pelo concelho fora. O processo foi extremamente rápido e assistiu-se a uma grande especialização que só nos últimos anos parece querer-se alterar. A maioria das unidades industriais dedicam-se a um segmento preciso da cadeia de produção, processando-se os outros passos, a montante e a juzante, fora do concelho. Quer os contraplacados, quer as «folhas» (de mogno, castanho ou madeiras exóticas diversas) e as madeiras maciças, vêm do exterior. Os acabamentos, por seu turno, também são feito fora, vendendo os fabricantes os móveis em bruto, aos retalhistas dos grandes mercados urbanos (Lisboa predominantemente). O trabalho à tarefa, no sistema de pagamento à peça está muito generalizado. Por vezes trata-se da fabricação de componentes, podendo também corresponder à construção do móvel completo. Ultimamente verificou-se a abertura de inúmeros estabelecimentos que, embora com a designação de «Fábrica de Móveis», apenas revendem móveis comprados aos pequenos produtores (quando muito enceram ou dão outros acabamentos). Por outro lado, o número de serrações também aumentou, muitas delas com equipamento sofisticado. Haverá cerca de uma dúzia em todo o concelho, concentradas nas freguesias onde também existe maior número de fabricantes de móveis. Elas «prestam serviços», na sua maioria, ou seja, são como que alugadas pelos fabricantes para serrar madeiras que aqueles adquiriram anteriormente. As fábricas de certa dimensão têm geralmente serrações próprias, devendo as anteriores servir sobretudo os pequenos produtores e os que trabalham em casa, à peça.

Pelas razões já apontadas, é praticamente impossível avaliar o número actual de unidades produtoras de mobiliário. Se se considerarem as oficinas caseiras, de trabalho ao domicílio, as pequenas, médias e grandes fábricas e as referidas «pseudo-fábricas» de revenda é possível que o número atinja as 300 ou 350 unidades⁽²⁰⁾.

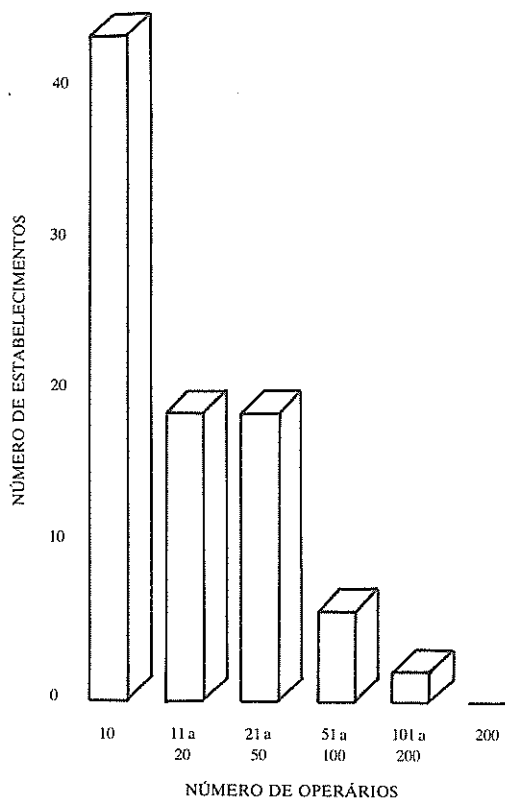
Tomando uma amostra que embora restrita pode traduzir a estrutura geral e tem o mérito de contar com informação colhida directamente dos produtores⁽²¹⁾, é possível concluir mais uma vez, que há o predomínio das pequenas unidades (Fig. 7) e que a sua repartição por freguesias não é homogénea (Fig. 8 e 9).

De Freamunde e admitindo que ali surgiu o primeiro foco, a indústria de mobiliário expandiu-se

(20) Número considerado razoável por fabricantes locais e estimado a partir das fontes oficiais e respectivos desajustamentos.

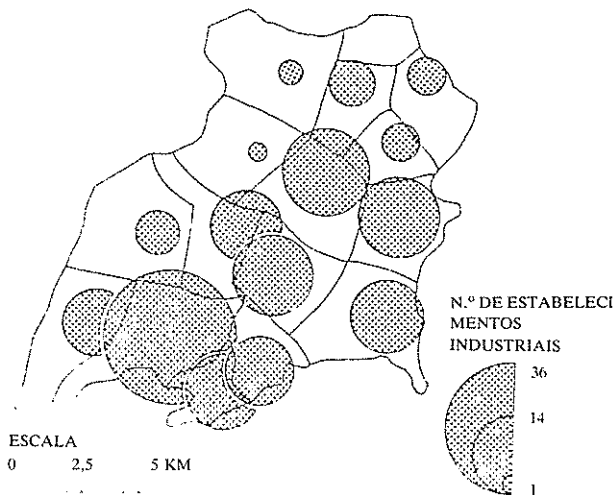
(21) Associação Nacional das Indústrias de Madeira.

PAÇOS DE FERREIRA - INDÚSTRIAS DE MADEIRA ESTABELECIMENTOS POR NÚMERO DE OPERÁRIOS * (1985)



* FONTE: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS INDÚSTRIAS DE MADEIRA

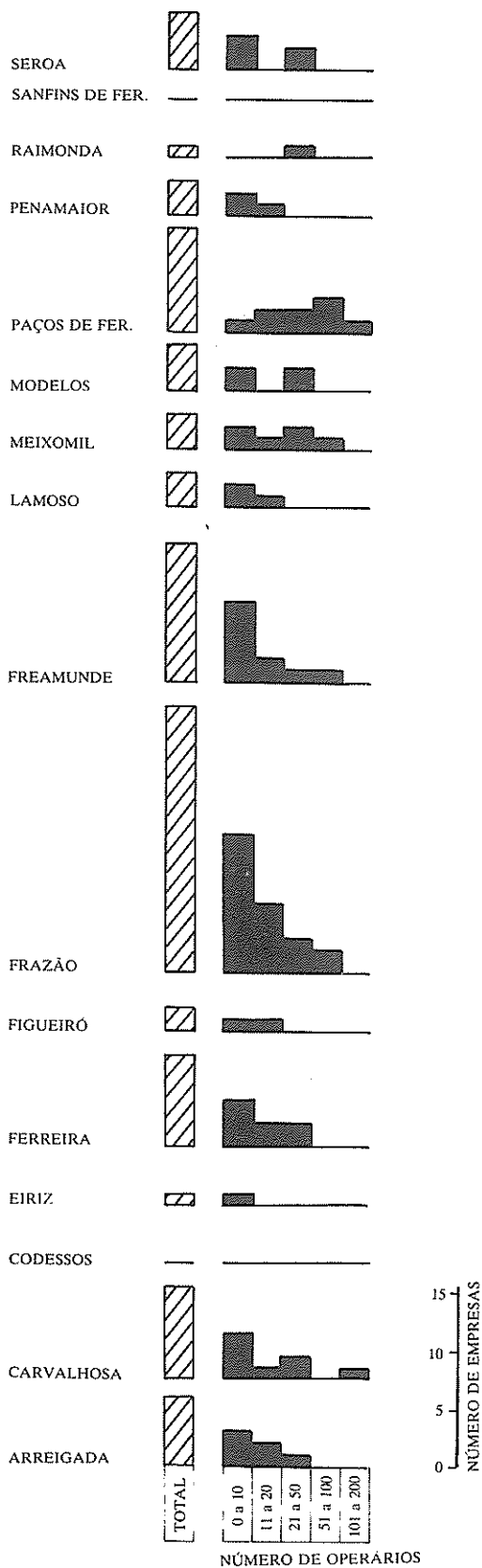
PAÇOS DE FERREIRA - INDÚSTRIAS DE MADEIRA E MOBILIÁRIO (1985) * DISTRIBUIÇÃO POR FREGUESIAS



* FONTES: ASS. NAC. DAS IND. DA MADEIRA / IAPMEI / ANUÁRIO COMERCIAL

PAÇOS DE FERREIRA - INDÚSTRIAS DA MADEIRA

REPARTIÇÃO POR ESCALÕES SEGUNDO O NÚMERO DE OPERÁRIOS E POR FREGUESIAS * (1985)



* FONTE: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS INDÚSTRIAS DE MADEIRA

para outras freguesias. As do norte, por exemplo Codessos, ou não têm qualquer unidade ou têm um pequeno número (hipótese mais provável). Não se verifica qualquer concentração orientada pela sede de concelho, existindo mesmo noutras freguesias, um número superior (Frazão, Freamunde e Carvalhosa). Embora a fonte utilizada não deixe transparecer esse facto, pelos contactos locais, observa-se que as freguesias de Arreigada, Ferreira, Modelos e Seroa têm vindo a registar um crescimento muito acentuado do número de unidades.

A estrutura por escalões, segundo o número de operários, por freguesia, revela-se relativamente homogénea. Regra geral, há um maior número de pequenas do que de grandes unidades. A única excepção é exactamente a sede de concelho, Paços de Ferreira, que apresenta um perfil oposto, onde predominam as unidades com 51 a 100 operários.

Os estudos existentes actualmente sobre o sector, correspondem a abordagens gerais para a Região do Norte, num dos casos e para o País globalmente nos outros, não entrando em análises de pormenor a nível local.

De uma forma geral, pode concluir-se, que o ramo do mobiliário é de grande interesse, com virtualidades a explorar. Antes de mais, a mão-de-obra representa a maior fatia, na sua estrutura de custos (46% do valor bruto de produção é valor acrescentado)⁽²²⁾, cabendo às importações para consumo intermédio apenas 16% da mesma estrutura de custos. Pouco exigente a montante, se assim se pode dizer, é ainda um sector com um efeito multiplicador acima da média, em termos de emprego, isto é, tem uma grande capacidade para gerar emprego⁽²³⁾.

Localmente, são apontados como principais obstáculos a um desenvolvimento e organização equilibrada do sector, dois problemas de fundo:

- o primeiro, a falta de uma gestão correcta por parte dos pequenos e médios industriais;
- o segundo, deficiências de qualidade, decorrentes essencialmente do estado das madeiras utilizadas (má secagem) e da falta de modelos comercialmente interessantes, de desenho industrial.

Ambos os problemas resultam do processo demasiado rápido de crescimento que o sector registou. Com um aumento substancial da procura, muito brusco, foi possível vender muito e depressa. Em suma, para satisfazer essa procura, nem sempre foram respeitadas exigências mínimas de qualidade.

Actualmente os principais mercados são os centros urbanos e, naturalmente, os emigrantes que, ao contrário do que acontecia anteriormente, em que o Natal e a Páscoa constituíam o período de maiores vendas, asseguram agora um outro, o Verão, superior mesmo aos outros dois.

De um modo geral não há exportação para o estrangeiro, estando portanto a produção dependente, acima de tudo, das variações nos rendimentos dos estratos da população portuguesa com maior propensão para o consumo de mobiliário. Ora, se o sector se encontra actualmente, bem protegido por pautas alfandegárias pesadas e restrições quantitativas à importação, é preciso dotá-lo de defesas próprias, num cenário de integração internacional que se avizinha.

(22) BESSA, António José O. — *Estudo do sector de Fabricação...*, 1978, p. 12.

(23) *Idem*, p. 14.

BIBLIOGRAFIA

1. LIVROS

- BESSA, António José Simões de Oliveira — *Estudo do Sector de Fabricação de Mobiliário de Madeira na Região do Norte*, 2 vol., Porto, C.P.R.N., 1978.
- CARVALHO, Albino de — *Madeiras Portuguesas — Utilizações em Mobiliário*, Alcobaça, Departamento de Tecnologia de Madeiras da D.G.R.F., 1977.
- FIRMINO, Joaquim A.; SOARES, Alberto — *Indústria do Mobiliário de Madeira em Portugal*, Lisboa, Banco Pinto e Sotto Mayor, 1982.
- PEREIRA, Pe. Armando — *Paços de Ferreira — Número Comemorativo do 1.º Centenário do concelho de Paços de Ferreira*, Porto, 1936.
- PIRES, A. Augusto; SILVA, J. Guerra e; LÁ, M. Marta Rosa — *Medidas directas de Productividade na Indústria de Mobiliário de Madeira*, Estudos de Productividade, n.º 10, Lisboa, INII, 1969.
- VIEIRA, José Augusto — *O Minho Pittoresco*, Tomo II, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, Editor, 1887.

2. JORNAIS

- O Eco de Paços de Ferreira*, Paços de Ferreira, Propr.: José Ferreira Martins, 1.º n.º (1935) – últ. n.º (1936) (Quinzenário).
- Gazeta de Paços de Ferreira*, Paços de Ferreira, Propr.: José Ferreira Martins, 1.º n.º (1952) – últ. n.º (1952).
- Jornal de Paços de Ferreira*, Paços de Ferreira, Propr.: Joaquim Gonçalves Martins, 1.º n.º (1907) – últ. n.º (1910) (Semanário).
- O Pacense*, Paços de Ferreira, Propr.: Aprígio Leão de Meirelles e Antero Chaves, 1.º n.º (1928) – últ. n.º (1931).
- O Progresso de Paços de Ferreira*, Paços de Ferreira, Propr.: Custódio da Costa Eiras, 1.º n.º (1907) – últ. n.º (1924) (Semanário).
- A Voz do Município*, Paços de Ferreira, Propr.: Bernardo Furtado de Mendonça, 1.º n.º (1936) – últ. n.º (1942) (Quinzenário).

3. ESTATÍSTICAS

- Estatísticas Industriais (1980 e 1981)
- Estatísticas das Sociedades (1979)
- Inquérito Industrial de 1881
- XI e XII Recenseamentos Gerais da População